

VOZES DA ÁFRICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Me. Edna Ranielly do Nascimento Fernandes (Bolsista Capes)

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE/ niellyfersou@hotmail.com

Resumo: A lei 10.639/03 tem como pressuposto essencial à valorização do ensino de Literatura Africana no espaço escolar, contudo é sabido que, raramente, as práticas tem se efetuado em consonância com a referida lei. Diante disso nos propomos a, através de uma pesquisa quantitativo/qualitativa analisar como se constitui a identidade negra e a literatura africana no espaço escolar. Constatamos que o negro não é retratado na literatura como deveria e que a sua representação está sempre associada à inferiorização, criminalidade entre outros.

Palavras-chave: Lei 10.639/03, Identidade negra, Literatura Africana.

INTRODUÇÃO

A política nacional do Brasil instituiu a lei 10639/03 com a finalidade de promover o ensino de Literatura Africana na escola básica, de forma obrigatória. Contudo, é possível constatar que as escolas brasileiras ainda apresentam dificuldades em abordar a temática em sala de aula. Ao refletir sobre a realidade educacional do país, propusemo-nos a pesquisar o ensino de literatura africana na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, situada no município paraibano denominado por Guarabira, de modo a captar a representação do negro na rede pública.

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve síntese dos dados coletados na escola já mencionada, de forma a refletir sobre o ensino da literatura africana dentro do contexto pesquisado. A nossa pesquisa assumirá cunho quantitativo e qualitativo (GIL, 1995) tendo em vista que, utilizaremos gráficos e dados numéricos como instrumento de interpretação e alcance dos fins almejados, porém, nos debruçaremos à compreensão de alguns dados de forma subjetiva, tendo em vista, que lidamos com seres humanos.

Os estudos tem como embasamento teórico Cavalleiro (2001) que contribui com a temática do ensino antirracista na construção de um mundo mais sustentável, Hall (2000) que aborda estudos voltados para a construção da identidade, Munanga (2008) que discute o processo de mestiçagem brasileira ao longo dos anos, entre outros.

Faz-se necessário o ensino da literatura africana, pois o negro desde a época em que foi trazido ao Brasil deixou suas marcas, estas não podem ser ignoradas ou apagadas por um sistema preconceituoso. Afinal, “a escola pode garantir e promover o



conhecimento de si mesmo, no encontro com o diferente. Conhecendo outro, questiono o meu modo de ser, coloco em discussão os meus valores, dialogo.” (SANTOS, 2010, p.106).

A escola precisa deixar de ser um espaço alienante, e em conjunto com a sociedade em geral, provocar transformações; oferecer aos educadores condições de serem pessoas transformadoras.

Para melhor compreensão, os resultados das discussões serão divididos em três partes específicas. Na primeira parte se discutirá a África dentro do contexto histórico. Na segunda, abordaremos o perfil do negro dentro da literatura e no terceiro tópico mostraremos os dados alcançados na pesquisa.

METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar em primeira instância a representação no negro na rede pública e em segunda instância a implementação da literatura Africana na escola José Soares de Carvalho em GUARABIRA-PB foi disponibilizado um questionário de forma a avaliar a visão de cada um sobre a temática e ao mesmo tempo diagnosticar os possíveis déficits ou avanços.

O questionário foi trabalhado com turmas do 2º ano do Ensino Médio. Eis as questões trabalhadas:

- 1- Qual a sua cor?
- 2- Supostamente, você vai a loja comprar uma boneca para sua irmã. Qual você escolheria? A negra ou a branca? Justifique.
- 3- Na sua casa haverá uma festa. Você encontrou duas garotas na rua, uma branca e uma negra. Quem você convidaria?
- 4- Ao passear no parque, você percebe que um garoto negro está te observando. Qual seria sua reação?
- Cite um personagem negro na literatura em geral?

Após a elaboração e aplicação do questionário, fizemos a análise dos dados quantitativamente através de gráficos que serão expostos tópico a seguir, na parte de relato de experiência propriamente dita.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

África: contexto histórico

A Europa foi palco de grandes avanços marítimos no período renascentista. Com o avanço das grandes navegações surgiu a ideia de superioridade racial. Ao chegar à África por volta do século XIX “os brancos” diante da situação econômica lucrativa que o tráfico negro lhe fornecia, passaram a designar a raça negra numa escala inferior. Segundo Serrano (2010, p.24),

O continente africano foi inegavelmente, o mais desqualificado pelo pensamento ocidental. Ainda que a imagem da África tenha variado ao longo do tempo em decorrência de diferentes formas de relacionamentos estabelecidas com os seus povos, é indiscutível que o continente foi mais do que qualquer outro, laureado pelo pensamento ocidental com imagens particularmente negativas e excludentes.

Se por um lado o europeu “inferiorizava” o estrangeiro, por outro desvalorizava ainda mais os africanos sob o aspecto econômico e religioso.

“[...] A África terminou, [...] simbolicamente estigmatizada como inferior, [...] ao estarem assoladas por um calor escaldante, seriam impróprias para a vida civilizada”. [...]. As terras quentes meridionais estavam simbolicamente vinculadas ao inferno, ao passo que a posição norte, ao Paraíso. (SERRANO 2010 p.25).

Além da exploração e preconceito racial, os negros foram submetidos ao preconceito religioso e cultural. O que contribuiu para as múltiplas identidades impostas ao negro, durante o seu percurso histórico. No Brasil, por exemplo, a identidade negra tornou-se reflexo do pensamento europeu. Pensamento este que, atribuía aos africanos à identidade inferiorizada, através do processo de escravização.

Segundo Hall (2000) a identidade e a diferença estão intimamente ligados, somos nós os responsáveis por construí-las diante das nossas relações sociais e culturais. Os brancos “teceram” a identidade de poderio (colonizador) perante as terras conquistadas.

Diante da diferença na tonalidade da pele e condição socioeconômica foi imposta ao negro a identidade escrava em terra de colonizados (índios). Os índios de acordo com as relações sociais perante os europeus



assumiram, pelos mesmos, a identidade de preguiçosos, foi preciso estabelecer novas mãos de obras e forjar falsas situações identidárias.

A identidade e a diferença estão, (...) em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (HALL, 200 p.81).

Elas jamais poderão ser vistas como algo estável, pois estão em constantes mutações de acordo com o contexto na qual está inserida e com as novas relações de poder que são estabelecidas.

A identidade negra na perspectiva literária

Assim como nas diversas áreas do conhecimento, a personagem negra foi constituída dentro do texto literário de forma obscura. Segundo Sousa (2001, p.195):

Além das ilustrações lamentáveis depreciativas, caricatas, animalizadas do ponto de vista da narrativa a personagem negra é descrita exercendo funções sociais consideradas inferiores-sendo estigmatizada-; além disso, aparece como minoria e desumanizada.

O Brasil apesar de um país mestiço e de inúmeras “ramagens”. Tudo nos leva a crer que a literatura, um cenário onde poderiam atuar diversas personagens, é instrumento de uma sociedade “fechada”. O negro parece ainda não ter rompido as barreiras o suficiente, de modo que a sua voz possa ser ouvida. Isto não significa afirmar que a responsabilidade por tal ato cabe única e exclusivamente a ele. Santos (2010) nos alerta sobre o perigo de tal visão,

O mito da democracia racial que afirma que todos são iguais perante a lei, mais trata desigualmente, faz com que as desigualdades socioeconômicas sofridas pela população negra sejam vistas como de sua inteira responsabilidade, bastando se esforçar para conseguir “chegar lá”.

Serrano reforça ainda mais a questão ao citar Torres (2008, p.58), este afirma que o fato dos africanos e seus descendentes não progredirem é causado pelo descaso e abandono a uma vida com condições mínimas possíveis.

Estes estudos nos leva a refletir e discutir sobre o papel do negro na sociedade brasileira. Discussões como estas, contribuíram para o surgimento da lei 10.639/03. Esta lei é responsável por uma importante alteração na lei de diretrizes e base da educação nacional-LDB. A citar, por exemplo, o artigo 26,

da referida lei que determina que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-brasileira.” (Lei 10.639/03. Art.26-A).

Diante de tal argumento, constata-se que a lei auxilia na construção de uma nova concepção literária, na qual o negro é elemento indispensável. O Mec. (2004) enfatiza ainda, a necessidade de valorizar e respeitar a cultura Afro-brasileira especialmente no ambiente pedagógico, espaço onde as novas descobertas e críticas deveriam ser plausíveis. Quanto a este espaço, Cavalleiro (2001, p.104) aborda que:

A educação antirracista reconhece o ambiente escolar como um espaço privilegiado para a realização de um trabalho que possibilite o conhecimento respeitoso das diferenças raciais bem como dos indivíduos pertencentes a grupos discriminados.

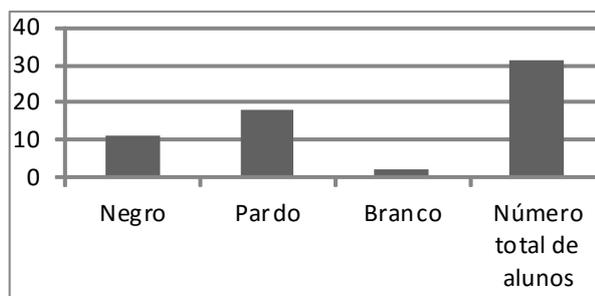
O espaço escolar é um “palco” no qual inúmeros temas poderão ser abordados, diversas identidades habitam em uma identidade maior e, no interior dele traços diferenciais são perceptíveis, “chocam-se”, confrontam-se e raras vezes resolvem-se através de uma análise crítica.

Se por um lado a lei 10.639/03 preza por um estudo que envolva a África, as lutas dos negros no Brasil e sua contribuição socioeconômica, política e cultural. Por outro, os conteúdos abordados em sala de aula parecem distanciar-se de tal meta.

Relato de Experiência

No tópico anterior, no qual discutimos acerca da metodologia utilizada nesta pesquisa, foi mencionado a utilização de um questionário. Nesta parte explicitaremos os dados alcançados a partir dos gráficos concernentes as questões levantadas.

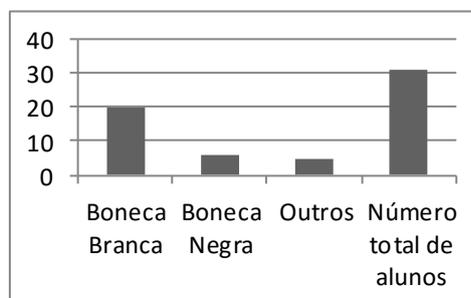
O gráfico 1/ questão 1: *Qual a sua cor?*



Ao interpretar o gráfico podemos confirmar a ideia de que muitos preferem negar as suas origens. O problema não está exclusivamente em ser branco, mas em não ser negro. “A elite brasileira, preocupada com a construção de uma identidade nacional, via esta ameaçada pela pluralidade racial. A mestiçagem era para ela uma ponte para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro” (MUNANGA, 2008, p.105).

Os negros cresceram em uma sociedade tão “fanática” pela branquitude, que para muitos, declarar-se pardo é uma forma de dizer que não é o estereótipo criado pela raça “pura”.

- Gráfico 2/ questão 2: *Supostamente, você vai a loja comprar uma boneca para sua irmã. Qual você escolheria? A negra ou a branca? Justifique.*



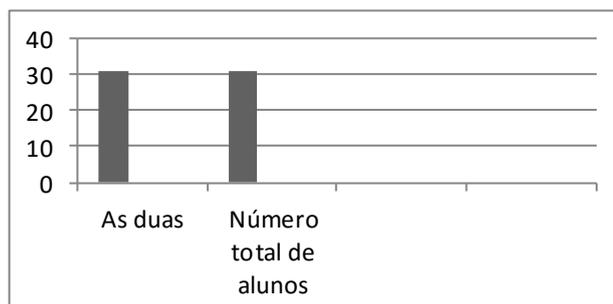
Entre os 31 alunos, apenas 6 optaram por escolher a boneca negra. Enquanto 20 alunos afirmaram que escolheriam a boneca branca. Os demais preferiram neutralizar as suas respostas. Alguns afirmaram que escolheriam as duas, outros disseram que dependeria do preço ou modelo etc. Entretanto, o mais marcante foi às frases proferidas por alguns, a revelar o profundo sentimento racista, mesmo que inconscientemente, a partir de frases como estas:

- (2-a) “As brancas, porque são mais vendidas”;
- (2-b) “A branca, pois é difícil encontrar uma boneca negra no mercado”;
- (2-c) “A branca, porque é mais bonita”;
- (2-d) “A mais clarinha, porque minha irmã seria sua suposta mãe”.

Pequenas frases refletem claramente em que a nossa sociedade é moldada, a boneca branca foi considerada superior à negra. A negra é menos vendida (frase 2-b), é feia (frase 2-c) etc. A última frase (2-d) por sua vez, mostra a antiga ideia colonizadora de que as raças não poderiam se misturar, o branco não poderia ter filhos negros.

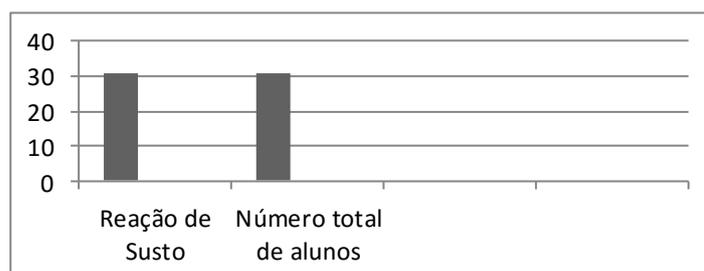


Gráfico 3/ Questão 3: *Na sua casa haverá uma festa. Você encontrou duas garotas na rua, uma branca e uma negra. Quem você convidaria?*



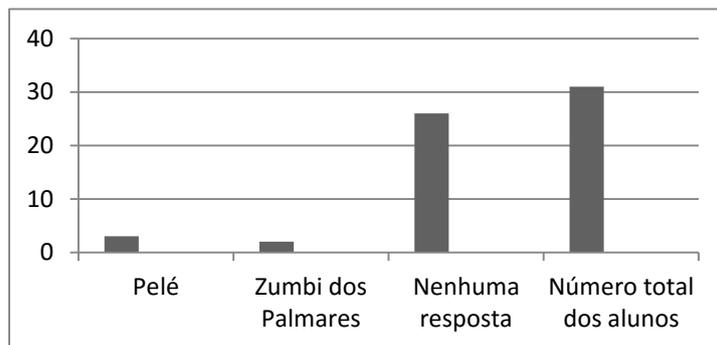
Quanto à terceira questão foi unânime a escolha em convidar as duas, porém o objetivo do convite era negar o preconceito racial existente em cada um. A branca continuou em uma escala superior.

Gráfico 4/ Questão 4: *Ao passear no parque, você percebe que um garoto negro está te observando. Qual seria sua reação?*



Todos afirmaram que ficariam assustados. Alguns alegaram que o motivo não era a cor do garoto, mas por o mesmo ser um estranho. Contudo sabemos que, o negro foi tão inferiorizado ao longo dos anos, que raramente não são associados à marginalidade.

- Gráfico 5/ Questão 5: Cite um personagem negro na literatura em geral?



A quinta pergunta também revela dados importantes. Verifica-se que a maior parte da turma não soube responder. Enquanto uma pequena parcela respondeu ‘Pelé’ e ‘Zumbi dos Palmares’. Constatou-se que esses alunos provavelmente não tiveram acesso a literatura africana. Pois vinte e seis alunos não conseguiram mencionar nenhum personagem, enquanto os que mencionaram alguém, em nada tinham a ver com o contexto literário (Pelé) e quando tinha (Zumbi dos Palmares) pouco se sabia sobre ele. Muitos desconheciam o feito deste último, ou assimilavam o futebol como o único espaço no qual o negro pode destacar-se, por isso citaram Pelé. Este foi o espaço imposto pela nossa sociedade e infelizmente engendrou-se na mente dos nossos alunos.

Em síntese, diante deste cenário, a escola precisa ser instrumento em prol da nova construção identitária. Conceder espaço a diversidade é o caminho que deve ser seguido por todos os membros e instituições que formam a sociedade educacional. Afinal, a identidade do nosso país está mesclada pela pluralidade racial. “A pluralidade racial brasileira representava [...] uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca” (MUNANGA, 2008, p.48).

Desconstruir esta visão colonizadora torna-se problemática, pois raramente o profissional tem subsídios para assumir esta postura em sala de aula. Lidar com um preconceito racial que perpassa de geração em geração, não é uma tarefa fácil. Dado que, “o preconceito é basicamente uma atitude negativa (...) com relação a um grupo ou pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo da pessoa preconceituosa é considerado um ponto positivo de referência” (SILVA, 2001, p.75).

Esta visão do que é bom e mal, melhor ou pior gera a discriminação, esta impede que as pessoas atingidas possam ter um pleno desenvolvimento em muitas esferas da sociedade. Por conseguinte, negar aos alunos uma literatura voltada às raízes africanas,

significa contribuir para o crescimento do preconceito e discriminação, o que resulta na construção de falsos mitos.

De acordo com Hall (2000, p.85):

Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são “verdadeiros” ou não. O que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar a liga sentimental e afetiva que lhe garante certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma necessidade e eficácia.

A identidade nacional, por muito tempo foi vista como constituída apenas pelo herói branco. Entretanto inúmeros estudos revelam que o negro também teve a sua parcela de contribuição, mesmo que, por muitas vezes, a sua participação seja negada.

A escola verdadeiramente preocupada com as questões afro-brasileiras precisa romper com os preconceitos, e contribuir na construção de uma nação pacífica “sociedade com direitos iguais”. Entretanto apontar a escola e os educadores como únicos responsáveis pela ausência de uma literatura negra em sala de aula é um tanto complicado, pois ambos estão inseridos em um contexto ainda maior. Porém vale ressaltar que pequenas mudanças no universo escolar pode ser o início do rompimento com alguns estereótipos.

Segundo Cavalleiro (2010, p.151) é preciso avaliar a prática docente dia após dia e reconhecer as possíveis melhoras no nosso “fazer profissional”. Muitas vezes há uma hierarquia no espaço escolar que contribui para a disseminação do racismo. Além do próprio discurso, postura ou material pedagógico utilizado pelo professor.

Um olhar em conjunto é o mais propício para encontrarem-se possíveis soluções. É preciso, olhar-se como constituinte de uma identidade nacional, na qual nossas identidades diferenciais complementam-se. Essas particularidades não deveriam ser utilizadas como principais provocantes do efeito discriminatório.

De acordo com Gomes (2001, p.92), o racismo no Brasil é um caso complexo e singular, pois ele se afirma por meio da sua própria negação. Portanto o primeiro passo necessário é reconhecer o seu preconceito e a necessidade de extingui-lo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de uma literatura voltada ao negro ainda enfrenta obstáculos no universo pedagógico. Mesmo diante da lei 10.639/03 inúmeros profissionais não sabem lidar com a nova visão literária, por desconhecer tal prática e estar envolvido em um sistema racista secular. Desde a época da colonização o Brasil tende a desvalorizar o que é “diferente”.

A partir da pesquisa conseguimos alcançar os objetivos delineados no início deste trabalho. Visto que, foi possível contribuir com a temática e diagnosticar a percepção dos alunos sobre a literatura africana através de dados quantitativos, bem como avaliara a representação do negro, ou seja, a identidade negra no cenário escolar. Poucos alunos conseguiram resgatar os ideais da verdadeira democracia e reconhecer o seu papel significativo quanto ao combate do racismo.

A tarefa de reconstituição da identidade nacional é um papel de todos. Não se pode mudar uma ideia secular em algumas aulas, a mudança dá-se diariamente. A escola em união com todos conseguirá aplicar as ideias defendidas pela lei 10.639/03 na escola. Cabe a cada um de nós, adentrar na questão racial, explorar o diferente e valorizar a diversificação nacional. Para isso, temos a literatura africana, como um dos caminhos possíveis.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor.** IN: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade.** IN: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais-** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Lei 10.639/03. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em 14 de Julho de 2017.



MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, 2004.

MUNANGA, **Kebengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** -3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos.** IN: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. - São Paulo: Selo Negro, 2001.

SERRANO, Carlos. **Memória D África: a temática africana em sala de aula.** -3 ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Maria Aparecida da. **Formação de educadores\as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial.** IN: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. - São Paulo: Selo Negro, 2001.

SOUSA, Andréia Lisboa de. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos.** IN: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e Antirracismo na educação: repensando nossa escola. -São Paulo: Selo Negro, 2001.